



UMA FANTÁSTICA MAQUINAÇÃO: O CASO TOUKHATCHEVSKI

Alain Decaux

O artigo a seguir apresentado foi traduzido da revista francesa HISTORIA e merece especial atenção. Mostra até que ponto vai o maquiavelismo de fanáticos, sem a mínima consideração pela vida e pela mente de seus semelhantes.

Quantos casos parecidos foram urdidos . . . Quantos deixaram, até hoje, de ser revelados . . .

Na política internacional, sem entranhas, onde não há amizades que se superponham a interesses, governantes inescrupulosos empregam quaisquer meios para atingir seus objetivos.

Desde os tempos mais remotos, os mais variados ardis foram usados e, por certo, a imaginação humana ainda não esgotou a série.

No mês de junho de 1937, os cidadãos soviéticos, de repente, tomaram conhecimento da prisão do Marechal Toukhatchevski e, com a dele, a de muitos outros militares dos mais altos postos.

De que eram acusados? De terem, em conlúvio com agentes de um estado estrangeiro, conspirado contra a estabilidade do regime.

A 11 de junho, era anunciado que Toukhatchevski e seus cúmplices seriam submetidos, naquele mesmo dia, a um tribunal militar reunido em sessão secreta. No dia 12 de junho tomava-se conhecimento de que todos os acusados — Toukhatchevski e mais sete — tinham sido condenados à morte e executados. Sabemos, através de diversos testemunhos revelados após a era estaliniana, do estupor provocado no homem soviético. Toukhatchevski, um traidor! Toukhatchevski, um espião! Toukhatchevski, um conspirador! O espanto era originado, ao mesmo tempo, pela rapidez brutal do desenrolar do caso e pelo prestígio do condenado. Era alguém que todos se habituaram a admirar. A imprensa e o rádio exaltavam suas qualidades. Em síntese, um soviético fora de série.

A época não era propícia aos comentários. Os que duvidaram publicamente ou não, pagaram com a vida ou com longo cativeiro. É preciso, por exemplo, ler as Memórias do general Gorbatov, governador militar soviético de Berlim, depois de 1945 e de quem ninguém suspeitou, então, que ele tivesse conhecido os campos de exterminação estalinianos por ter duvidado que tão bons revolucionários tivessem podido, de repente, se revelar traidores . . . Ninguém compreendia. E, aliás, como se poderia ter compreendido?

Como se poderia ter compreendido que Toukhatchevski fora detido em consequência do mais fabuloso e embrulhado complô de que a História guardou o rastro? Como se poderia ter compreendido que Toukhatchevski foi morto porque Stalin o teria decidido, certo, mas também porque Reinhard Heydrick, o mais fanático servidor de Hitler, o teria decidido igualmente?

Brilhante Oficial

Quem era esse Toukhatchevski que se tornaria o objetivo desse jogo implacável? Ele nasceu em 1893, perto de Smolensk, pertencendo a uma família de certa nobreza. O pai boêmio, apaixonado pela música, casado com uma camponesa analfabeta. Viviam com dificuldade, da renda de uma pequena propriedade. No ambiente dessa família que aos poucos se empobrecia, cresce Mikhail Nicolaevitch Toukhatchevski, entre seus oito irmãos e irmãs. Um clima atraente. Ninguém pensa no futuro. Todos os Toukhatchevski se dedicam à música, à leitura e à pintura

Mikhail será a exceção. Para ele as artes terão menos interesse. É apaixonado pelo esporte, pela atividade física. Leu "Guerra e Paz" e a "Vida de Souvarov". Dedicou especial paixão ao heroísmo militar. Acompanhou, como quem percorre um caminho da cruz, a derrota russa na guerra russo-japonesa, em 1905. Enfim, não hesitará sobre sua vocação: quer ser militar. Enquanto todos os Toukhatchevski escolhem o Conservatório ou a Escola de Belas Artes, Mikhail irá para a Escola de Cadetes e, posteriormente, para a Escola Militar Alexandra.

Na véspera da guerra de 1914, ele sai dessa última escola com excelente classificação. É Tenente. Mas diferente dos jovens oficiais czaristas. Ele se considera liberal, como seu pai. Não se vota ao vinho e ao jogo, mas ao trabalho. E eis que estoura a guerra. Toukhatchevski se bate com coragem e com inteligência na frente da Galícia.

É feito prisioneiro em fevereiro de 1915. Por diversas vezes tenta se evadir. Numa delas consegue chegar à fronteira da Holanda, depois de uma marcha de três semanas pelo interior do país inimigo. Recapturado, é confinado no forte Ingolstadt. Aí roem o freio oficiais de todas as nacionalidades, tendo como denominador comum a tentativa de evasão. Nesse forte, Toukhatchevski encontrará Roland Garros e o Capitão De Gaulle. Por fim consegue fugir e atingir Petrogrado em plena revolução.

Como todos os oficiais da mesma origem, tem que escolher. Recusará um novo regime? Fará oposição violenta ao tal Lenine que acaba de mudar profundamente o destino da Rússia? Não. Ao contrário, escolhe a revolução. Não somente a ela adere mas a ela se dedicará totalmente. Aceita um posto na sessão militar do Comitê executivo pan-russo dos Soviéticos, em Moscou. É para lá que é transferido o governo, no início de 1918.

Em abril, melhor ainda, inscreve-se no Partido Comunista. Antes de se decidir — uma prova de que sua decisão teve muita importância — pôde encontrar Lenine, e o que ouviu de sua boca varreu qualquer hesitação, se por acaso a teve. O

que dominou, na sua adesão, foram suas idéias avançadas que, desde a escola ele defendia junto a seus camaradas. E como não lembrar que essas mesmas idéias, seu pai já as defendia?

Organizador do Exército Vermelho

Admirável a carreira que se inicia para Toukhatchevski. A Rússia mergulhou na guerra civil. Para enfrentar a contra-ofensiva branca, conduzida pelo almirante Koltchak, general Miller, general Denikine e general Wrangel, Trostki acaba de criar o Exército Vermelho dos operários e dos camponeses. Durante quatro anos dominará esta guerra civil. E Toukhatchevski não deixará de combater.

No dia 26 de junho de 1918, com vinte e cinco anos, assume o comando do I Exército. Este, dentro do Exército Vermelho, representa a primeira grande unidade operacional. No decorrer dos meses e dos anos seguintes vamos vê-lo comandar o I Exército da frente ocidental, servir como adjunto do comandante da frente sul, comandar o VIII Exército da frente sul, o V Exército da frente oriental, o XIII Exército da frente do Cáucaso, comandar provisoriamente a frente do Cáucaso e comandar a frente ocidental. Em março de 1921 ele abafa a revolta que estoura na ilha de Kronstadt. Em maio — junho do mesmo ano, aniquila os bandos contra-revolucionários de Antonov. Nenhum, entre os chefes do Exército Vermelho, enfrentou situações tão difíceis, tão ricas em ensinamentos de toda natureza. Aqui o militar e o político se entrelaçam, se explicam um pelo outro.

Toukhatchevski não somente se tornou um grande estrategista como também um político experimentado. Bater-se nessa Rússia esfaumada é, ao mesmo tempo, melhor conhecer seu povo; nesse setor, Toukhatchevski colhe uma experiência extraordinária. Indubitavelmente ele é dos que, junto com Trostki, foram os organizadores do Exército Vermelho.

Com a paz, prossegue seu trabalho. Comanda a Academia Militar do Exército Vermelho e se torna o Chefe de Estado-Maior do Exército. Em 1931 ele é o Ministro Adjunto para a Defesa Nacional e chefe do Armamento do Exército Vermelho. E, logo que o posto é restabelecido, torna-se Marechal da União Soviética.

O trabalho por ele realizado, à frente do Exército, é unanimemente admirado na Rússia e no Ocidente. Benoist-Méchin escreveu: "Em 1936, o Exército Vermelho se tornou um dos mais fortes do continente. É dotado de um equipamento moderno e seus efetivos são notavelmente capazes".

Isso é sabido em muitos países e, principalmente, na Alemanha.

Estranha Acusação

Em 1936, faz três anos que Hitler está no poder. Todas as oposições interiores foram liquidadas, salvo, no Exército, a apresentada por alguns altos chefes reticentes.

Justamente, nessa ocasião, Reinhard Heydrich, o chefe do SD, o todo-poderoso serviço secreto SS, polícia superior a todas as polícias, Estado no Estado, recebe, em dezembro de 1936, no Hotel Adlon, em Berlim, a visita de um emigrado russo, o general do exército branco Nicolas Skobline.

Personagem curiosa. Em Paris, é o adjunto do general Miller, presidente da Organização Mundial dos militares russos emigrados. Mas Skobline, há alguns meses, é também, um espião a serviço do SD que paga regiamente suas informações.

Observemo-los, os dois, face a face. Reynhard Heydrich é louro, magro, alto. No seu rosto triangular, o que domina é seu olhar azul, rijo como o aço. O general Skobline tem quarenta e dois anos. É fino, elegante. Usa cabelos curtos separados ao meio e um pequeno bigode. Na verdade Skobline é anticomunista. Concentra seus esforços em expulsar de sua querida Rússia o dominador bolchevista. Sua aliança com o SD deve ser, a seu ver, orientada pela sua raiva.

Mas que veio transmitir o general Skobline a Reynhard Heydrich? Que o Marechal soviético Toukhatchevski, ele afirma, mantém relações secretas com membros do grande estado-maior alemão. Ele conspira. O objetivo, para os alemães, é verem-se livres de Hitler, para Toukhatchevski, é de se ver livre de Stalin.

A priori, a informação é fantástica, quase incrível. Heydrich prefere entretanto, tomá-la a sério. No dia seguinte à sua entrevista com Skobline, convoca seus adjuntos, transmite-lhes as acusações de Skobline e declara, para encerrar: "Devidamente utilizada, esta informação poderia desencadear, no Alto Comando do Exército Vermelho, um golpe do qual não se restabeleceria, sem dúvida, antes de passados alguns anos. No que concerne ao grande Estado-Maior alemão, ela poderia nos ajudar a nos ver livres dos elementos que se conservam hostis ao nacional-socialismo".

Um dos adjuntos de Heydrich, o capitão SS Erich Jahnke, toma a iniciativa de observar que Skobline não merece crédito. Ele vive em dificuldades. E sua mulher, a célebre dançarina Previtzkaia, ainda mais. E se Skobline fosse um agente do NKVD soviético? E se a informação fosse teleguiada de Moscou, numa finalidade desconhecida?

Heydrich se zanga: tem toda confiança em Skobline. Aliás a informação se ajusta à sua própria concepção da situação européia. A intervenção intempestiva de Jahnke lhe custará três meses de rigorosa prisão domiciliar.

Em 24 de dezembro de 1936, Heydrich e seu chefe, Himmler, procuram Hitler. Presentes à entrevista: Rudolf Hess e Martin Bormann. Heydrich expõe o seu plano. Trata-se de aproveitar a oportunidade, de organizar um "dossier" provando a culpabilidade de Toukhatchevski. Depois se pensará como fazer chegar a Stalin. Assim se comprometerá Toukhatchevski. Será desencadeado um golpe decisivo no mais perigoso dos grandes soldados soviéticos.

Hitler hesita: deve jogar a carta de Toukhatchevski contra Stalin, ou a de Stalin contra Toukhatchevski? Finalmente, ele se fixará na segunda solução. Trata-se,

disse o chefe de contra-espionagem nazista, Walter Schellenberg, de uma das decisões mais fatais do nosso tempo.

Sinal Verde

No dia 19 de janeiro de 1937, Heydrich convoca Schellenberg. Convoca também o chefe do serviço de leste do SD, o coronel SS Hermann Behrends, e um dos homens do SD, Alfred Naujocks. Esguio, sem chamar atenção, com óculos de intelectual, Naujocks se revelará, nos anos seguintes, o mais temível e o mais eficaz dos agentes hitlerianos.

Heydrich diz a Behrends e Naujocks que o Führer deu o sinal verde para uma operação que ele passa a descrever. Trata-se de comprometer Toukhatchevski. Mas é preciso, ao mesmo tempo, deixar o exército fora do caso. Um certo número de chefes do exército alemão se declaram abertamente russófilos.

É preciso impedir — a qualquer preço — que esses oficiais possam alertar Toukhatchevski.

Essa russofilia pode parecer estranha. Ela, no entanto, existe. Depois do tratado de Versalhes certas armas foram proibidas no exército alemão: aviação e blindados. Posteriormente ao tratado de Repallo, de 1923, os alemães conseguiram treinar na Rússia. Este treinamento durou de 1923 a 1933. Ele trouxe conseqüências incalculáveis.

De acordo com o jornalista alemão Sebastfen Haffner "mesmo os maiores gênios da organização militar teriam sido incapazes de criar em seis anos, de 1933 a 1939, a força aérea mais poderosa e as divisões blindadas mais eficientes da época. O aparente milagre da remilitarização alemã no início da era hitleriana só foi possível graças ao trabalho de base paciente, constante e tenaz realizado durante onze anos na Rússia".

Ao longo desses exercícios permanentes, enquanto os blindados alemães manobravam e a Luftwaffe voava em busca de novos récores, uma verdadeira camaradagem se instaurava entre os militares alemães e seus anfitriões soviéticos. Depois da partida dos alemães, correspondências se estabeleceram. Toukhatchevski, particularmente, manteve correspondência com camaradas alemães.

Para Heydrich deve-se partir dessa correspondência verdadeira para, calcar nela, forjar outra falsa. Dá ordem a Schellenberg para pedir ao almirante Canaris, o chefe da contra-espionagem militar, os "dossiers" do estado-maior que contenham as cartas de Toukhatchevski.

Depois ele se dirige a Naujocks:

— Quero que até amanhã você me consiga o melhor especialista-gravador da Alemanha para imitar cartas e outros documentos.

E explica:

— Nosso plano consiste em elaborar documentos bastantes para provar que o marechal e alguns de seus colegas do Exército Vermelho conspi-

ram com os generais do O.K.W. (Comando Superior do Exército Alemão), para se apossarem do poder nos seus respectivos países. Nós necessitaremos de um "dossier" recheado de cartas que Behrends redigirá e nas quais o gravador copiará as assinaturas de originais que nós obtivermos de uma forma ou de outra. Fotografias desses documentos serão vendidas aos russos e deixaremos transparecer que foram roubados nos arquivos do SD. Daremos, ao mesmo tempo, a impressão que foi aberto um inquérito para apurar a parte alemã da traição. Se Stalin conseguir obter esse "dossier" por interferência de seu próprio serviço secreto e se se persuadir de que é autêntico, ele acabará com Toukhatchevski.

- Se nossas atividades forem coroadas de bom êxito, diz Naujocks, teremos desencadeado a maior catástrofe que se terá abatido sobre a Rússia, depois da revolução.
- Creio que teremos êxito, diz Heydrich. Não podemos recuar. Tudo depende do gravador e esperemos que seu trabalho seja perfeito.

De acordo com as instalações de seu chefe, Schellenberg vai pedir a Canaris para lhe ceder os "dossiers" que interessam a Heydrich. Canaris desconversa. É preciso que Heydrich se dirija diretamente ao almirante. E este recusará peremptoriamente a entregar qualquer peça. Furioso, Heydrich exclamará:

- Muito bem, darei conhecimento ao Fuhrer!

Alguns dias depois, um certo Gert Grothe é convocado por Heydrich. A missão que recebe é precisa: trata-se de um roubo de documentos bem discriminados do Ministério do Exército, abrir cofres e atear fogo para simular um início de incêndio.

Tudo ocorre exatamente como Heydrich desejou. Salvo que o incêndio se alastra por todos os andares; os arquivos são destruídos e a estrutura do imóvel fica comprometida. Mas Heydrich consegue o seu "dossier".

Falsos Sinetes e Falsas Assinaturas

Um impressor de cabelos brancos trabalha curvado sobre sua banca. À sua frente, vidros e tintas, penas, pincéis. Pára de vez em quando e limpa os óculos. Perito dele, Naujocks, sentado numa cadeira, fuma cigarros, lendo distraidamente um jornal.

Esse impressor se chama Frantz Putzig. Naujocks o descobriu no bairro de Zehendorf. Putzig é membro do partido, tem trinta anos de experiência profissional. Quando Naujocks se abriu com ele, Putzig pediu que somente tomassem conhecimento de sua missão, um superior local do partido e um oficial superior da SD.

Os textos falsos foram preparados por Behrends, as assinaturas proporcionadas pelo roubo do ministério. É no preparo desses textos falsos, na cópia das assinaturas que Putzig se empenha. As horas se escoam. A noite se alonga, Putzig continua trabalhando.

Agora, são quatro horas da manhã. Putzig afasta suas penas e seus vidros de tinta.

— Acabou, diz ele.

Naujocks se aproxima e é surpreendido. Incrível! Cada assinatura é uma obra-prima de precisão, de exatidão.

— Maravilhoso, exclama ele. Você é um gênio.

Naujocks se despede e leva os documentos. No dia seguinte estarão nas mãos de Heydrich. O que mais o impressionará é uma carta de Toukhatchevski, criada do princípio ao fim. Ele se deterá longamente na assinatura. Tudo perfeito, até a filigrana do papel é russa.

O estilo é o de Toukhatchevski. Na margem, as notas a lápis "mais comprometedoras que a própria carta". Põe-se na boca do marechal que o Exército Vermelho e a Wehrmacht serão consideravelmente reforçados se concluírem um acordo liberando-os, ambos, das pesadas burocracias que os controlam.

Anexa-se ao "dossier" uma nota de Canaris a Hitler, fazendo o resumo do complô. Sem dúvida, imaginária, a nota. Forjou-se também, a resposta de Hitler. Mas nesta não se ousou falsificar a assinatura. Hitler foi solicitado a assinar o documento forjado.

No mesmo "dossier", as ordens de Bormann a Heydrich para seguir imediatamente os oficiais suspeitos. Ao todo, trinta e duas páginas, às quais é juntada uma fotografia de Trotzki cercado de funcionários alemães. Heydrich não se cansa de considerar as peças:

— Absolutamente notáveis, diz ele. Volta-se para Naujocks e prescreve:

— E agora, imprima em tudo isso os carimbos necessários, nos devidos lugares e tire, você mesmo, fotocópias. Utilize uma luz suficientemente má para justificar a pressa.

É justamente o que fará Naujocks usando uma "Leica" e iluminando os documentos com magnésio. O resultado? Um trabalho de amador. Exatamente o que se buscava.

O "dossier" está pronto.

Que se vai fazer?

Aqui intervem um novo personagem deste incrível "imbroglio". Trata-se, nada mais nada menos, que o presidente da Tchecoslováquia, Edouard Benès. Sem o saber, Benès vai fazer o papel de um dos peões — mas peão essencial — no jogo que se entabola entre os serviços secretos. Com dados viciados.

Para perder Toukhatchevski é preciso intoxicar Benès. É no que vão se empregar os SS. Mas de que maneira?

O "Imbroglío" se Complica

Eis que de novo entra em cena o curioso general Skobline. Pois Jahnke, o colaborador de Heydrich, tinha razão. Skobline é um agente duplo, e mesmo triplo. Ele está a serviço, não somente do SD nazi mas do NKVD soviético. E, também, dele mesmo.

Esse patriota nacionalista quer não somente expulsar os soviéticos da Rússia, mas sonha exercer um dia o poder no seu país reconquistado. O paradoxal é que sua mulher, a Plevitzkaia, é um agente vermelho desde a guerra civil. Pouco a pouco ela conseguiu modificar, senão a opinião, pelo menos o comportamento do seu marido. Ele aceitou encontrar agentes soviéticos. Foi sob o incitamento deles que denunciou Toukhatchevski a Heydrich.

A denúncia de Skobline desencadeou toda a operação. Heydrich fez organizar um falso "dossier" que constitui uma armadilha que ele crê dispor contra Stalin. Mas, na origem de tudo está o próprio Stalin que, literalmente, teleguiou toda a empresa, por intermédio de Skobline. De maneira que, sem que eles o soubessem, os SS se tornaram simplesmente agentes da vontade estaliniana.

Porque Skobline aceitou lançar o anzol no qual foram pescados os alemães? É porque ele faz o jogo soviético? Não. Pois Skobline crê enganá-los. Prometeram-no livrá-lo do general Miller. Quando o tiverem feito, seu caminho estará livre. Ele tomará a chefia da cruzada anti-comunista. De qualquer forma, jogar entre Heydrich e Stalin é muito arriscado. Skobline aceitou o risco.

Ele continuará a tecer os fios da rede na qual virá se perder Toukhatchevski. Skobline vai a Genebra, encontrar um certo Nemanov que dirige a agência de informações de Benès. Ele lhe fala sobre as relações de Toutchevski com os Trostzkistas e com os alemães. Nemanov se informa com um amigo. E este, agente-duplo — parece um sonho — lhe confirma que o complô de Toukhatchevski é real.

Enquanto isso, em Paris, um colaborador de Skobline, Nicolas Alexeiev, que trabalha para o NKVD, é capturado pela polícia no momento em que tenta roubar os planos secretos de um submarino francês. Acusado de espionagem é recolhido à prisão militar do "Cherch-Midi". De fato, ele tudo faz para ser preso. Interrogado começa a fazer confidências. De acordo com o que relata, um "trânsfuga da rede de espionagem soviética" lhe confiou "segredos oriundos do estado-maior moscovita".

O juiz, motivado, toma nota das informações que, verificadas, são confirmadas. Eis que, de repente, Alexeiev cita o nome de Toukhatchevski: a dar-lhe crédito, este conspira com os nazistas. De imediato, os serviços secretos são avisados e, também, naturalmente, o governo. Parece que Léon Blum ficou muito impressionado com essas acusações.

Posteriormente à emissão feita por mim (Alain Decaux) em julho de 1973, na televisão, recebi uma importante carta do Sr. Edouard Depreux, antigo ministro,

que escrevia: "Então presidente do Grupo de Advogados socialistas, enviei um telegrama a Stalin para protestar contra as condições nas quais foi assentada a condenação (de Toukhatchevski). Léon Blum, alertado por Benès, embora compreendendo o espírito de minha intervenção, me pôs em guarda contra as ilusões relativas à inocência do marechal".

É pois certo que Benès e Léon Blum corresponderam à motivação lançada sobre o caso Toukhatchevski. É certo que, depois das "confissões" de Alexeiev, os serviços franceses, preveniram os tchecos, através do adido Militar em Paris, que alertou Benès.

O resultado? Benès, que deseja manter suas boas relações com a Rússia soviética, mais por motivos geográficos que políticos, convoca, no princípio de março de 1937, o embaixador da URSS, Alexandrovski, e lhe dá conhecimento das informações que lhe chegaram por vias diferentes.

Eis arremessada a máquina infernal. Alexandrovski envia logo um longo relatório a Stalin. Gostaríamos de saber como reagiu o Georgiano. O que seus serviços e ele próprio tinham previsto se realizava pontualmente.

O "Dossier" Contra Cinquenta Mil Marcos

E quanto ao "dossier"? Ele deve arrematar a obra-prima. Schellenberg conta nas suas memórias que um dos agentes diplomáticos alemães, que trabalhava sob as ordens do Standartenfuhrer SS Boehme, era um emigrado alemão que vivia em Praga. Por seu intermédio é que Boehme vai tomar conta com um amigo íntimo de Benès e revelar-lhe a existência do precioso "dossier".

Ao mesmo tempo, se dava conhecimento aos soviéticos que seria possível obter o "Dossier" pagando vultosa importância. Schellenberg afirma que o doutor Benès enviou imediatamente uma carta pessoal a Stalin. Pode-se crer na versão de Schellenberg, pela qual Stalin teria enviado imediatamente a Berlim um agente que recebeu o "dossier" diretamente das mãos de Heydrich? Não parece verídico. Por que toda essa encenação, estas incríveis precauções, para que as cartas nazistas fossem abatidas num só golpe?

O relato de Naujocks parece muito mais plausível. Naujocks conta como um agente o procurou. Seu nome tinha sido dado aos russos, pelo serviço tcheco como o de um empregado presuroso de obter dinheiro vendendo as fotocópias dos documentos:

- "De fato, o "dossier" está, no momento, no meu escritório, mas só posso conservá-lo até amanhã de manhã porque, até lá, devo ter tomado todas as decisões para executar as ordens dadas. Você vê como eu estou condicionado no tempo. Pensei fotografar os documentos esta noite mas, mesmo que o faça, não gostaria que os fotos ficassem comigo por muitos dias. Nenhum esconderijo é suficientemente seguro para esse tipo de papéis. Quero encerrar o assunto o mais cedo possível. Gente demais está a par do assunto. Só posso esperar a resposta até amanhã".

- “Quanto?” indaga o agente soviético.
- “Cinquenta mil marcos”.
- “É ridículo! Nunca pagaremos tão caro”.

Naujocks levanta os ombros:

- “Não me exporei por menos. Sem os cinquenta mil, nada feito”.

E esboça despedir-se.

- “Um momento”, pede o agente soviético. “Como posso encontrá-lo?”

Naujocks após um instante de meditação estende ao seu interlocutor um pedaço de papel no qual se acha um número de telefone.

- “Pode chamar-me amanhã às 18 horas, se tiver decidido fechar o negócio. Do contrário não se dê ao trabalho de me telefonar”.

No dia seguinte o agente soviético fecha o negócio. Encontro marcado na estação de metrô da extremidade de Kurfurstendamn. Troca do “dossier” pelos cinquenta mil marcos.

Segundo Schellenberg, não teria sido somente cinquenta mil marcos, mas três milhões de rublos ouro. E Schellenberg precisa que teve de destruir pessoalmente “a maior parte dos três milhões de rublos pagos pelos russos, pois tratava-se de cédulas de valor elevado, cujos números com certeza tinham sido registrados pela GPU. Cada vez que um de nossos agentes procurou passá-los no interior da União Soviética, foi preso em tempo record”.

Shellenberg? Naujocks? Contraditórias as versões. Uma certeza, em todo caso: o “dossier” ia chegar a Moscou.

Desconfiança e Inveja

Mas, por que Stalin quer destruir Toukhatchevski? Em 1937, a era dos grandes processos começa. O terror Stalinista vai atacar sucessivamente a maioria dos velhos companheiros que tinham feito a revolução de Outubro. Que se considerasse outro “fundador” que não ele, eis uma idéia que Stalin não mais suportava.

Megalômano e sanguinário, ele se assemelha àqueles antigos czares que só estavam satisfeitos quando eliminados sucessivamente os membros de suas famílias e seus amigos. Não suporta uma oposição, nem mesmo suave.

A presença de “outros” se tornou insuportável para Stalin.

Dir-se-á, no que concerne a Toukhatchevski, que Stalin favoreceu a reconstrução militar presidida pelo marechal. É verdade. Mas não sem desconfiar.

Por outro lado, Toukhatchevski provoca em Stalin uma desagradável recordação. Em 1920, durante a guerra russo-polonesa, Toukhatchevski comandava a frente ocidental, a leste do Berezina, e a frente sudoeste, na fronteira da Galícia. A princípio, Toukhatchevski marchou de vitória em vitória, tomou Minsk, depois Vilno e se dirigiu para o Vístula. Teve, então, que enfrentar uma contra-ofensiva po-

lonesa, impulsionada pelo marechal Pisludski. Os planos dessa contra-ofensiva tinham sido elaborados por uma missão militar francesa, dirigida pelo general Weygand e da qual fazia parte o major De Gaulle. Diante do impacto polonês, os russos se retiraram.

Ora, Toukhatchevski estava convicto que uma intervenção da frente sudoeste, à esquerda da frente ocidental, em direção de Lublin deveria ter evitado o insucesso. Essa intervenção, Toukhatchevski a teria solicitado com insistência. Mas nessa época, o presidente do Comitê militar revolucionário adido à "frente" do general Yegorov, que comandava a frente sudoeste, era Stalin.

Parece que, nessa época, Stalin tenha considerado com inveja os sucessos da frente vizinha. O que ele desejava, era tomar Lemberg. Assim poderia ele, também, apresentar um triunfo para equilibrar o dos "outros". Ele recusou, pois, a ajuda decidida por Toukhatchevski e preconizada pelo Grande Quartel-General. Foi necessária uma ordem formal do Soviete Supremo para que ele se decidisse a obedecer. Era, porém, tarde demais, Toukhatchevski já fora abatido.

Bastava a presença de Toukhatchevski para lembrar a Stalin o amargo episódio polonês.

Pode-se dizer que a manobra stalinista contra os chefes militares soviéticos foi desencadeada por vingança pessoal? Seria minimizar as coisas. Mas quanto melhor se conhece Stalin, mais se fica persuadido de que este reflexo pesou na balança, de certa forma.

É preciso, também, invocar a desconfiança doentia de Stalin contra tudo que pudesse lembrar uma ameaça ao seu poder. Para permitir que o Exército Soviético se fortalecesse e se tornasse coeso fora necessário dar liberdade aos chefes militares. Agora o Exército existia e seus chefes seguiam a linha do partido. Mas alguns ousaram discutir certas opiniões de Stalin.

Quando o ditador desencadeou a "caça às bruxas" que levaria ao processo de Moscou, nem todos os chefes militares concordaram. Em 1936 quando Boukharine foi preso, Vorochilov e Boudienny apoiaram Stalin. Mas Iakir, Gamarnik, Toukhatchevski, Blioukher, Yegorov, Ouborevitch e Bouline se tinham juntado à maioria dos membros civis para se oporem à prisão. Fato normal, mas tal oposição era intolerável para Stalin.

Teria mesmo havido realmente uma conspiração militar contra Stalin? Todas as pesquisas feitas desde 1937 e, principalmente depois da guerra, provam o contrário. As reabilitações registradas na União Soviética após a morte de Stalin provam que não houve complô. Os arquivos secretos nazistas não contêm nenhum documento que confirme a existência de relações secretas entre os chefes militares soviéticos e as autoridades alemãs.

Como admitir que Takir e Feldman, ambos judeus, pudessem ter trabalhado pela Alemanha nazista? Mas tais sutilezas não embaraçam Stalin.

Há outra explicação para o projeto de eliminação que Stalin elaborou contra os militares. Em 1937, ele começa a vislumbrar uma aproximação com a Alema-

na, política que resultará no pacto germano-soviético de 1939. Ora, os chefes militares russos são agressivamente contra a Alemanha. Não paira dúvida que, em caso de aproximação com Hitler, os militares constituem perigosos obstáculos. Obstáculo que deve desaparecer.

Uma Série de Imprudências

No dia 19 de janeiro de 1936 Toukhatchevski representou Stalin nos funerais do rei George V, em Londres. Aproveitou para encontrar os chefes de Estado-Maior britânicos. Tentou convencê-los da necessidade de empreender uma guerra "preventiva" contra a Alemanha hitlerista. Não conseguiu convencer seus interlocutores. No entanto, tudo fez para conseguí-lo. Ele revelou o vulto dos efetivos, o volume dos armamentos do Exército Vermelho. Deu conhecimento do plano ofensivo assentado pelo Conselho Superior da Guerra Soviético. Estupefatos, os britânicos se recusaram a ouvi-lo.

Tornando a Paris, de volta para a Rússia, no dia 9 de fevereiro Toukhatchevski encontra o Chefe do Estado-Maior do Exército francês, o general Gamelin, a quem também procura convencer. Outro insucesso. A política oficial francesa é defensiva.

Segundo André Brissaud, a quem devemos um profundo estudo sobre estes acontecimentos, a atitude de Gamelin se explica. Ele foi informado, pelos britânicos, das conversas que Toukhatchevski tinha tido em Londres. Conhece o ceticismo inglês. Deve pois mostrar-se circunspecto. De outro lado, em matéria de "guerra preventiva", os franceses não querem se engajar mais que seus aliados da outra margem do canal. Eles não querem puxar a brasa para as sardinhas dos russos.

Toukhatchevski volta à Rússia profundamente decepcionado. De chegada, comete erro imperdoável. Na primeira reunião do Soviete Supremo, ele ocupa a tribuna e ataca a fundo o regime hitleriano. Põe, os dirigentes e os cidadãos soviéticos em guarda contra o risco alemão. Cita "Mein Kampf". Chega ao ponto de se dirigir aos governos de Londres e de Paris. Afirma que "a guerra se tornou inevitável" e que "o mais sensato seria para ela se prepararem imediatamente". Para Stalin, que deu ordem a Molotov e a Litvinov de poupar Hitler, trata-se de verdadeira provocação. Reforça sua desconfiança em relação aos chefes militares em geral e a Toukhatchevski em particular.

É então que Tejov recebe de Stalin a ordem de agir. É quando a máquina parte. Quando Skobline procura Heydrich e denuncia Toukhatchevski. É quando, sem esperar os documentos falsos de Heydrich, resolveu-se informar as autoridades francesas e tchecas.

Foram necessários meses. Mas agora tudo está pronto. A carta de Benès e os documentos falsos de Heydrich estão sobre a mesa de Stalin.

Detenção e Torturas

Os rumores se irradiam. Toukhatchevski sentiu a rede se fechar lentamente em seu redor. A 20 de março ele volta das férias. Dia 5 de abril é informado de que não mais irá assistir à sagração de George VI. Dia 12 de abril, convocado por Vorochilov, toma conhecimento de que foi afastado de suas funções de Ministro Adjunto da Defesa e transferido para o setor militar do Volga. No dia 19 de maio, quando da tradicional revista militar, ninguém lhe dirige a palavra.

Ele se sente só. Tragicamente só.

A 20 de maio surgem as primeiras notícias, na Rússia, da descoberta de um complô militar. A 26, Toukhatchevski chega à sede de seu novo comando. Seus subordinados verificam que seus cabelos embranqueceram. No dia seguinte, é detido.

O herói da guerra civil foi trazido de volta a Moscou e recolhido à primeira prisão militar de "Lefortovo". Interrogado pelos métodos habituais — e hoje se sabe o que os acusados sofriam — parece que Toukhatchevski nada confessou.

Encarcerados os outros chefes soviéticos, Gamarnik prefere se suicidar. Mas Takir, Ouborevitch, Kork, Eideman, Primakov, Feldman e Poutna são presos.

No dia 11 de junho de 1937, a rádio de Moscou divulga todas as detenções: "Esses detidos são acusados de infração contra o dever militar (juramento), de traição à Pátria, de traição ao povo da URSS, de traição contra o Exército Vermelho de operários e camponeses. Os elementos reunidos ao longo da instrução, permitiram estabelecer a participação dos acusados, como também de Gamarnik que recentemente se suicidou, numa empresa contra o estado e em ligação com militares dirigentes de um dos Estados estrangeiros que seguem uma política inamistosa em relação à URSS. Ao serviço da espionagem militar desse Estado, os acusados remetiam sistematicamente informações secretas sobre o Exército Vermelho e procediam a um trabalho de sabotagem tendo em vista o enfraquecimento da potência militar soviética; eles tentavam, assim, preparar, em caso de agressão militar contra a URSS, a derrota do Exército Vermelho, com o objetivo final de contribuir para restabelecer, na URSS, o poder dos grandes proprietários e dos capitalistas".

"Todos os indiciados se reconheceram inteiramente culpados das acusações que lhes foram atribuídas. O exame do caso se realizará hoje, 11 de junho, em caráter secreto, pelo tribunal judiciário da Corte Superior da URSS, sob a presidência do presidente do tribunal militar da citada corte, Ulrich..."

No dia 12 de junho, toma-se conhecimento de que Toukhatchevski, Takir, Ouborevitch, Kork, Eideman, Primakov e Boutna foram passados pelas armas.

Massacres em Série

Pouco se sabe do processo, quase nada. Alguns duvidam que ele tenha se realizado. Entretanto, um relatório soviético, pormenorizado, nos informa que o

processo decorreu em "sessão secreta". De acordo com diversas versões concordantes, Toukhatchevski se dirigiu nos seguintes termos a um dos acusadores que davam informações sobre suas relações com Trotski: "Por acaso isto não foi sonho seu?"

Os acusados foram fuzilados em pleno dia, no pátio do edifício do NKVD que tinha sido cercado de caminhões, para que o ruído dos motores abafasse os tiros. Khrouchtchev contará mais tarde: "No momento de sua morte Iakir gritou: "Viva o Partido! Viva Stalin!.." E quando Stalin teve conhecimento, proferiu improperios contra Iakir.

Numerosa, a família de Toukhatchevski. Sua mulher, uma irmã, seus dois irmãos serão exterminados. Três de suas irmãs e sua filha serão enviadas para campos de concentração. Sua mãe será executada.

Toukhatchevski se casara três vezes. Suas duas primeiras esposas serão também enviadas para campos de concentração. Da mesma forma, a mulher, o irmão e diversos membros da família de Iakir serão executados. Uma de suas primas será condenada a doze anos de prisão. Seu filho, de quatorze anos, será enviado, por muitos anos, para campos de concentração e prisões.

Essas execuções marcarão o início de uma sangria terrível. Três marechais em cinco, são fuzilados. Sessenta e cinco dos oitenta membros do Conselho Superior da Guerra são fuzilados. Treze dos quinze comandantes de Exército são fuzilados. Trinta e cinco mil oficiais são eliminados fisicamente. A metade dos oficiais soviéticos! É assim que Stalin compreende o Socialismo.

O general Gorbatov conta, nas suas memórias, quando de sua chegada ao "front" em 1944, seu estupor em face da "débâcle" Soviética: "A confirmação do que eu temera me imobilizara de medo; como poderíamos combater, com a falta de tantos oficiais e dos chefes experientes desde antes da guerra? Era, incontestavelmente, uma das principais causas de nossos insucessos, embora nisso não se falasse, ou que se apresentasse o fato como ao se ter enxotado os traidores do Exército, em 1937-38, se teria aumentado seu poder..."

Na realidade, a megalomania de Josef Stalin quase levou a URSS à derrota.

Tem-se o Direito de Perder a Esperança nos Homens?

O marechal Toukhatchevski, em 1963, foi reabilitado. Uma de suas filhas e três de suas irmãs assistiam à cerimônia. Mas como não se pensar nesse grande soldado, aquele que tinha arriscado sua vida cem vezes pela Revolução e que, diante de seus "juizes" perguntava: "Por acaso isto não foi sonho seu?"

Como deixar de pensar no general Iakir que, antes de morrer, escreveu a Stalin: "Sou um leal soldado dedicado ao Partido, ao Estado, ao povo... Toda minha vida consciente se desenrolou num trabalho honesto, cheio de abnegação, sob as vistas do Partido e de seus dirigentes... Sou honesto em cada palavra pronuncia-

da. Morrerei emitindo palavras de amor para Você, para o Partido e para o país, com fé inquebrantável na vitória do comunismo”

Como pensar no que Stalin escreveu nesta carta, com sua própria mão: “Celerado e prostituído”? Vorochilov acrescentou: “Definição perfeitamente exata”. Molotov aprovou assinando. Kaganovitch na ocasião escreveu: “Para o traidor, o crápula, e o... (aqui uma palavra obscena), um só castigo: a morte.”

Felizmente o marechal Toukhatchevski foi reabilitado na União Soviética. Mas não podemos esquecer a coalisão imoral dos serviços secretos hitlerianos e estalinianos. Não podemos esquecer que para servir a uma política, fez-se morrerem inocentes. E pior ainda, ficaram desesperados. Já imaginamos estes homens diante da morte? Podemos nos dar conta de seus últimos pensamentos?

Talvez, em política, se tenha o direito de matar homens — e ainda assim, disso não estamos certos. Não se tem, no entanto, o direito de matá-los desesperados.